

Onde há animação, há dona Olívia

“Cabelos longos, pretos e bem cuidados, daqueles que chamavam a atenção.” Assim, a simpática Olívia Dutra, no auge dos 100 anos, descreve o que mais gostava em si quando jovem. Vaidosa, não dispensa elogios, tanto que, nos momentos de nostalgia, confirma com firmeza: “Eu era bonita, viu?”. E para alguém com personalidade forte, nada mais justo que a cor vermelha para representá-la, tanto nas roupas quanto na canção preferida, *A dama de vermelho*.

Escutar música, aliás, é um dos seus passatempos favoritos no Lar dos Velhinhos Maria Madalena, onde vive há 17 anos. Lá, recebe a atenção de profissionais diversos, incluindo psicólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais. Nas atividades recreativas, pegou gosto pelos trabalhos manuais e, mesmo quando não participa diretamente das interações com os demais moradores, está sempre por perto. “Vovó” é como pede que os profissionais do instituto e, curiosamente, os outros idosos lhe chamem.

Natural de Uberaba, em Minas Gerais, passou por Anápolis até se fixar na capital

federal. Da mãe, que faleceu cedo, pouco se recorda; com o pai, porém, criou vínculos mais fortes. Foi seu Alfredo o responsável por lhe ensinar a capinar lotes na roça, trabalho intercalado com os serviços de doméstica, feitos, posteriormente, na antiga Cidade Livre. Hoje, contabiliza três filhos, oito netos e seis bisnetos. Sua primogênita, a dona de casa Marlene de Sousa, 69 anos, é presença constante no espaço e motivo de alegria para dona Olívia.

É Marlene quem confirma as atitudes à frente do tempo da mãe, que, diferentemente das mulheres da época, era liberal e “fora da caixa”. Isso porque chegou a estudar, gostava de sair, se divertir e não enxergava no matrimônio a única possibilidade de dedicar seu tempo e energia.

Quando a dona de casa cresceu e planejou se casar, escutou da genitora que isso não era necessário. “Casar? Para quê? Me dê apenas um neto para cuidar e ficarei feliz”, recorda-se. Ela, inclusive, lhe ajudou a cuidar dos filhos, privilegiados quando o assunto é carinho de vó.

Questionada sobre quem foi o amor da sua vida, a centenária cita o primeiro

marido, Ricardino, viúvo na época em que se conheceram e pai da primogênita. A paixão, infelizmente, era tão intensa quanto os conflitos no lar, constantes e responsáveis por fazerem a relação durar pouco, apenas sete meses. Anos depois, casou-se novamente e teve dois rapazes.

Ainda hoje, sua psicóloga, Tatiane Dias, que a acompanha há oito anos, define o perfil da idosa como genioso, por querer tudo do seu jeito e, por vezes, ser teimosa, característica amenizada com o tempo. Nesse ínterim, a profissional lembra-se, por exemplo, que certa vez, quando a refeição do instituto não lhe agradou, Olívia cismou que não comeria e declarou greve de fome. Pouco depois, descobriu-se que ela se alimentava escondida. “Eu era danada”, reconhece.

Para todos que já a conheceram, fica a lição da simpatia e da força de viver — na pandemia, contraiu o vírus da covid-19 e se recuperou rapidamente. “Ela gosta de atenção, de visitas e de bagunça”, declara, aos risos, Tatiane. As madeixas, agora brancas, continuam belas e combinam com seu riso descontraído, capaz de contagiar a todos.

O envelhecer no Brasil

Otávio de Toledo Nóbrega, professor da Universidade de Brasília (UnB) especialista em longevidade, afirma que o envelhecimento demográfico não é novidade. Institutos de pesquisa fazem projeções há décadas, tanto em nível global quanto nacional, mostrando que, sim, estamos envelhecendo. O que chama a atenção é a proporção de idosos. “Estima-se que, entre 2040 e 2045, essa será a parcela mais abundante no Brasil.”

Isto é, se dividirmos os brasileiros em crianças, jovens adultos, adultos (a partir dos 40) e idosos (60 anos ou mais), os mais velhos corresponderão ao segmento etário mais populoso. “Biologicamente falando, talvez, sejamos a única espécie animal de maioria idosa”, avalia.

Esse movimento vem acompanhado de uma diminuição da taxa de fecundidade — que funciona como um conceito de reposição —, de modo que o crescimento populacional deve estagnar no futuro. “No Brasil, assim como no restante do mundo, está projetado um clímax. A previsão, aqui, é chegarmos aos 230 milhões de habitantes, mas, então, estacionar”, explica.

Projeções

Outro dado é que mais pessoas estão vivendo até os 100 anos. A Divisão de População da Organização das Nações Unidas (ONU) levantou que, no mundo, em 2021, mais de 621 mil pessoas passaram do centésimo ano de vida. Em 1990, eram 92 mil.

Ainda assim, chegar aos 100 é desafiador. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o brasileiro vive, em média, até os 72 anos — por causa da pandemia, a curva retrocedeu quatro anos e varia, claro, conforme região e acesso a serviços de saúde.

Otávio explica que se espera a recuperação da expectativa de vida nos próximos anos. “Existe uma esperança popular de que a ciência possa estender a vida. Realmente, tem se buscado, com medicamentos chamados senolíticos, reprogramar nossas células para serem mais eficientes. Ainda assim, há uma compreensão geral na área de que o limite para a longevidade esteja próximo dos 120 anos. O importante mesmo é viver bem”, resume.

Aliás, falar em “mais avós do que netos” traz desafios. Entre eles, o especialista destaca a necessidade de sensibilidade administrativa na condução de serviços sociais. Elenca a importância de medidas previdenciárias, ajustes no sistema de saúde — ainda muito focado em doenças infecciosas — e avanço no entendimento de patologias típicas do envelhecimento, como a demência. Há ainda a necessidade de mudar o preconceito contra o idoso. “O etarismo é não contratá-lo, entendê-lo como sempre doente e não produtivo, quando pode, na verdade, ser habilidoso intelectualmente e ter mais destreza do que muitos jovens”, pondera.